



A. Estado, Poderes e Sociedade
B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões
C. Educação e Desenvolvimento
D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes
F. Família, Género e Afectos
G. Teorias, Modelos e Metodologias
Sessões Plenárias

O CASO DO BAIRRO DE CELAS

Margarida Rocheteau Gomes

Introdução

A presente comunicação tem por base um estudo sobre a influência do meio em que as pessoas habitam nos seus modos de vida. É um tema que se reveste de uma grande importância sociológica devido à sua grande actualidade — vive-se num tempo marcado pela constante evolução das cidades, com grande parte da população urbana tendo de habitar em zonas periféricas, visto não terem lugar nos centros urbanos, sendo as suas vidas submetidas a importantes consequências do ponto de vista sociológico.

O local em que incidiu este estudo foi o Bairro de Celas, devido a características específicas que possui. Os seus moradores são originários da Alta Coimbrã, mas devido a grandes obras que aí se realizaram nos finais da década de 40 para construção e alargamento da Universidade, houve necessidade de demolir muitas habitações, fazendo com que os seus moradores fossem transferidos para outros locais (entre eles, o Bairro de Celas) através de um processo de realojamento levado a cabo pela Cidade Universitária.

Com o processo de demolição da Alta, surgiram graves e complexos problemas de reinstalação e readaptação das populações desalojadas. Não foi unicamente o desaparecimento de um bairro típico que ocorreu, mas também a desagregação de usos e costumes, tradições e modos de vida dos seus habitantes.

No passado, a Alta contrastava grandemente com o Bairro de Celas. A velha Alta desaparecida era um local com uma vivacidade própria, pleno de infra-estruturas e tradições, enquanto o Bairro de Celas era um local isolado e de difícil acesso e apenas constituído por habitações. No entanto, actualmente, o bairro foi “engolido” pelo crescimento da cidade. Naturalmente, tanto no passado como no presente, os moradores do Bairro de Celas sofreram importantes alterações nos seus modos de vida.

Principais linhas teóricas

Crescimento das cidades e segregação social no espaço urbano

Segundo Wirth (1976), o crescimento das cidades e a urbanização do mundo é um dos factos mais notáveis do mundo moderno. Também Burgess (1925) é da mesma opinião, considerando de significativa importância a tendência para a população da cidade “transbordar”, inundando áreas mais extensas.

De facto, a diminuição da população dos centros das grandes cidades é uma característica da evolução urbana nos últimos anos — houve uma invasão do terciário em detrimento da função residencial. Embora isto possa significar um melhoramento nas condições de alojamento da população residente, a verdade é que estão também mais afastados do ambiente urbano marcado por uma oferta de serviços mais completa tais como transportes públicos, hospitais, universidade, serviços administrativos, equipamentos culturais.

Por vezes, constroem-se mesmo espaços residenciais nos arrabaldes, sem haver uma preocupação com a rede de ligação ao exterior — estabelecem-se, assim, condicionamentos à ligação da área do aglomerado com áreas circunvizinhas, havendo um certo isolamento e dificuldades de integração formal e funcional num tecido urbano mais vasto.

A distribuição das pessoas no espaço urbano, está relacionada com determinados constrangimentos

que operam sobre elas — a sua condição económico-social. Há, pois, fenómenos de segregação social no espaço urbano, acentuando-se mais onde estão construídos os alojamentos sociais. De referir que tal segregação social se relaciona directamente com as políticas estatais — é toda a estrutura económica da urbanização capitalista que está em jogo, definindo um espaço de possibilidades e de constrangimentos.

Modos de vida e dimensões subjacentes

O conceito de modos de vida é extremamente importante e interdependente, articulando-se com outras dimensões de igual relevância (comunidade, relações de sociabilidade, quotidianidade, identidade). Todas estas dimensões estão interligadas e relacionam-se com a formação dos modos de vida de uma população.

A noção de comunidade surge do mero facto das pessoas viverem perto umas das outras em grupo. Segundo Pahl (1971), comunidade pode ser vista como cultura comum — uma área onde existe uma cultura comum e um controlo social autónomo. A partilha de experiências comuns une as pessoas numa espécie de sentimento de consciência local — uma indústria como lugar comum de experiências (desempregos, greves,...) ou um desastre ecológico (ex.: cheias), podem levar as pessoas a sentirem uma partilha de vida comum, engendrar solidariedade e memórias comuns. O sentimento de comunidade pode ainda surgir como defesa contra a ameaça externa ou como uma reacção a uma privação comum.

Um bairro pode ser uma comunidade. Em áreas urbanas, existem núcleos próprios com características de homogeneidade, predominância de relações primárias e limitada divisão do trabalho, assemelhando-se aos núcleos rurais. A ênfase recai na integração decorrente de factores tais como área geográfica comum e proximidade espacial, factores que facilitam as relações fundadas nos laços de vizinhança, na homogeneidade cultural e na identidade de interesses.

Num bairro, normalmente, existe coexistência do espaço funcional, relação residencial, actividade económica e criatividade lúdica, o que gera um modo de vida próprio e características socioculturais específicas.

Segundo Lefebvre (1970), o bairro não é um detalhe accidental, um aspecto secundário e contingente da realidade urbana mas a sua essência. Um bairro pode tornar-se um núcleo de vida social. A unidade da cidade ao estender-se e dispersar-se, pode encarnar num fragmento privilegiado, fragmento esse que é absorvido mas guarda uma vida própria que se intensifica. Desta forma, o carácter da comunidade local (territorial) transfere-se da cidade a um dos seus fragmentos/elementos. O bairro constitui um rico objecto de análise para o sociólogo. Nele constituem-se relações interpessoais mais ou menos duráveis e profundas. É o maior dos pequenos grupos sociais e o mais pequeno dos grandes grupos.

Segundo Toennies (1973), na comunidade as relações são íntimas, duradouras, baseadas na compreensão e conhecimento daquilo que cada um representa na sociedade. Não há conflito porque os papéis são específicos e consonantes uns com os outros. Mas, os bairros, sendo constituídos por uma população heterogénea acarretam, por vezes, consequências importantes decorrentes dessa heterogeneidade — faz com que a percepção das diferenças se torne um tanto ou quanto insuportável, gerando o conflito. As diferenças culturais e modos de vida são mal tolerados quanto mais se impõem através de uma proximidade espacial limitada, fazendo com que sejam perceptíveis a cada instante da vida quotidiana.

No entanto, a coexistência quotidiana num bairro leva à partilha e construção de determinada identidade, reduzindo o conflito e a necessidade de regulamentação.

Segundo Beringuier (*in* Tap, 1986) o desenvolvimento capitalista das cidades, traduzido por dissociações espaciais entre lugares de trabalho, lugares de habitação e de consumo, conduziu a uma separação dos gestos quotidianos no espaço e, consequentemente, à desagregação do bairro urbano. Da mesma forma que as condições de vida reforçam a separação no espaço, as condições de trabalho implicam uma separação no tempo. Por um lado, o trabalho impõe ritmos personalizados que não coincidem com os da maioria dos outros trabalhadores do bairro, por outro lado, a mobilidade geográfica das pessoas no seio da cidade faz com que os recém-chegados a um bairro existam em grande número, deixando de haver um interconhecimento. No entanto, as relações de vizinhança, sob a forma de indiferença ou amizade, de solidão ou hostilidade, formam um tecido social.

Mas, o zonamento urbanístico não funciona apenas sobre a manifestação das funções sociais no espaço, mas também sobre a segregação social — em cada bairro observa-se uma uniformidade das classes sociais (as relações sociais lêem-se no espaço). A segregação social gera ou facilita as relações de vizinhança (preocupações próximas, motivações similares, reivindicações unificantes), originando o reconhecimento colectivo e fazendo com que no seio do bairro, os moradores se sintam “em família”.

Sendo assim, o tipo de habitação e o local em que as pessoas habitam (rua, bairro,...) tem

relativa importância no tipo de relações que se desenvolvem entre as pessoas. O tipo de habitação a que uma pessoa tem acesso relaciona-se com uma hierarquia de prestígio ou *status* que segue uma distribuição territorial definida na cidade, tendo grande importância na determinação das associações a que pertence, dos seus interesses, do seu estilo de vida e da sua posição na estrutura social urbana.

O bairro é, pois, um local pleno em relações de sociabilidade. A sociabilidade de uma comunidade engloba os modelos de formação e socialização dos indivíduos, os laços de vizinhança, o funcionamento de associações, a vida religiosa, as especificidades de uma cultura local, as relações sociais no trabalho, um estilo de vida político, as relações com os parentes, os conflitos quotidianos.

Segundo Bozon (1984) a sociabilidade quotidiana de uma população é bastante regular, ajudando a distinguir a identidade própria de uma comunidade, a sua autonomia social.

Assim, relações de sociabilidade e quotidianidade são dois domínios inter-relacionados e interpenetrantes. A quotidianidade constitui um domínio imenso, visto que nele se esboçam as criações mais autênticas, os estilos e as maneiras de viver, reencontrando os gestos e as palavras com a cultura. Mas, a vida quotidiana é também a repetição dos mesmos gestos, o levantar-se de manhã, preparar o café, sair, andar nas ruas, ler o jornal,...

Mas, não se pode falar de comunidade e das relações sociais quotidianas geradas por esta, sem falar de identidade social/colectiva — é na trama de todos os dias que se manifestam e realizam os mecanismos de identificação colectiva.

Segundo Madureira Pinto (1991) pelo facto de um indivíduo pertencer a determinado grupo, isso leva a que se identifique com ele (processo de identificação), mas isso faz também com que se diferencie de outros grupos existentes (processo de identificação). A identidade é um esforço constante de unificação, de integração e harmonização e, simultaneamente, de diferenciação, de afirmação e singularização. Resistência e identidade colectiva são, pois, dois fenómenos indissociáveis, com as manifestações de uma acarretando a afirmação da outra.

Algo que pode conduzir à construção de uma identidade (embora forçada), é a habitação social, visto que se colocam pessoas com níveis de vida semelhantes a viverem no mesmo espaço e em habitações sensivelmente iguais. Segundo Gaston Lanneau (in Tap, 1986), é sobretudo quando um grupo é ameaçado nas suas condições de existência, que procura afirmar, desenvolver e reforçar a sua coesão, os laços de solidariedade e as relações de interdependência dos seus membros, lutando comumente contra o perigo exterior.

A produção de identidade de um grupo implica que este seja reconhecido não só pelos traços objectivos (aparência física, língua, costume, atitudes e comportamentos,...) como também pelos subjectivos (sentimentos, representação, vontade,...). Daí que a constituição de uma memória colectiva seja um elemento indispensável da produção de identidade de uma colectividade, tendo no entanto de se inscrever nas memórias individuais para se transmitir e perpetuar. No entanto, tal memória apenas retém alguns elementos filtrados pelas gerações passadas em função da sua própria situação, das suas expectativas e projectos. Mas, certos acontecimentos esquecidos no decurso de um período em que não pareçam pertinentes, poderão ser irremediavelmente perdidos para as sociedades seguintes, apesar de num período de incerteza e perda de sentido, as sociedades terem tendência para revistar o seu passado, numa tentativa de assegurar a sua própria existência.

A transferência para o Bairro de Celas: principais mudanças ocorridas no modo de vida da população

Muitos foram os factores que se modificaram na vida dos habitantes do Bairro de Celas: melhoraram as condições de habitação (passaram a ter casa de banho completa, água e electricidade), aumentaram as despesas (renda da casa, água, electricidade, transportes), passaram a viver num local ermo, isolado e de difícil acesso, estavam mais longe do local de trabalho e de infra-estruturas básicas (mercearias, padarias, farmácias, consultórios,...), alteraram os seus horários do dia-a-dia, passaram a ocupar de forma diferente os seus tempos livres e mudaram as suas práticas religiosas (não só a frequência como também a igreja que frequentavam).

Uma outra alteração sofrida por estas pessoas reflectiu-se nas relações de sociabilidade. Com a ida para o Bairro de Celas, a população tornou-se mais unida, aumentaram os conflitos, houve uma perda de contacto com antigos vizinhos e surgiram novas amizades/conhecimentos nos arredores do bairro. No que diz respeito às relações de vizinhança, houve uma certa alteração, pois por viverem num bairro pequeno, aumentou a proximidade física e passou a haver mais convivência e união.

De facto, tendo em conta a opinião de Gonçalves (1990), uma população ao coabitar quotidianamente num bairro, tende a ser mais unida. No caso do Bairro de Celas, para além de ser um bairro, era também uma comunidade isolada, o que levou a que as coisas evoluíssem mais nesse sentido.

Nem todos os bairros são locais de identidade (podem ser apenas um local de residência), mas o Bairro de Celas na altura, devido a certas características específicas, como ser relativamente pequeno, possuir uma história própria (os seus habitantes eram oriundos do mesmo local), ser segregado socialmente (um bairro feito exclusivamente para os desalojados pobres da Alta), levava a que os seus membros tivessem problemas e preocupações muito próximas, o que contribuiu para um intensificar das relações entre os seus habitantes, assemelhando-se nisso e de certa forma a uma aldeia.

Aliás, pelo facto de terem ido viver para um bairro social e como defende Madureira Pinto (1991), isso contribuiu para a construção de uma identidade colectiva (mesmo que forçada) — juntam-se no mesmo local pessoas com um nível de vida semelhante (igualmente baixo), surgindo uma certa solidariedade entre elas. Foi tal solidariedade que fez com que as pessoas organizassem grupos para atravessarem o caminho até Celas (visto muitas terem medo), que organizassem passeios colectivos, que se ajudassem nas compras (por vezes, os que tinham de se deslocar obrigatoriamente para fazer compras traziam algumas coisas que faltavam aos outros). É preciso não esquecer, no entanto, a importância que teve o sentimento relativamente à Alta em todo este processo. De facto, estes salatinas (como são denominados os habitantes da Alta Coimbrã) sentiram-se ameaçados ao ser-lhes tirado algo a que davam muito valor, unindo-se ainda mais. Mas, também os conflitos aumentaram. Na Alta não havia conflitos ou havia poucos visto ser um meio grande e as pessoas estarem mais separadas umas das outras. Por outro lado, eram conflitos diferentes dos existentes no bairro — na Alta predominavam as brigas entre estudantes e entre estudantes e futricas, enquanto no Bairro de Celas havia sobretudo brigas familiares e entre vizinhos. Segundo Gonçalves (1990), é precisamente a homogeneidade, interligada com uma atitude comum a todos, que faz com que haja conflitos pois rejeitam-se todas as atitudes que não correspondem à dominante. É que, como defende Mead (1982), a pessoa ao pertencer a uma determinada comunidade, esta torna-se um ponto de referência para ele, com a sua atitude passando a ser a da comunidade — o indivíduo assume as atitudes sociais da comunidade. Há, assim, um controlo das atitudes de todos os indivíduos que compõem a comunidade. É também essa a opinião de Madureira Pinto (1991) — uma pessoa ao pertencer a determinado grupo, este passa a influenciar o seu comportamento. Tal grupo é, nada mais, nada menos, que o *grupo de pertença* do indivíduo (Merton, 1970).

Os indivíduos em conjunto recolhem informação na comunidade ou grupo a que pertencem e organizam-na, estabelecendo um comportamento ideal para todos, produzindo ilações sobre o comportamento dos outros (conceito de representação social). Daí a existência de muita intriga e bisbilhotice no Bairro de Celas.

Houve igualmente uma perda de contacto com a Alta e com antigos vizinhos que aí moraram. De destacar ainda que a mudança de meio conduziu ao surgimento de novas amizades oriundas dos locais próximos do bairro.

Realização das festas no Bairro de Celas: transferência de uma identidade

Para além de todas as mudanças que estas pessoas sofreram na sua vida, houve uma que lhes custou imenso — deixar de viver num meio ao qual estavam profunda e emocionalmente ligados. Os habitantes do Bairro de Celas demonstram nas entrevistas que mesmo depois de saírem da Alta continuaram a sentir que lhe pertenciam.

Predomina, pois, a ligação à Alta, tendo mesmo começado a realizar-se no Bairro de Celas as suas festas tradicionais: os festejos de S. João e o Domingo de Lázarus (uma feira de grande animação). Porém, as festas realizadas no Bairro de Celas eram mais grandiosas que as originais, o que pode estar relacionado com um certo sentimento de frustração e consequente desejo de sobressair. Eram pessoas habituadas a um determinado modo de vida de que as festas faziam parte. Visto que não podiam fazer outras coisas (como pegar nos locais de comércio típicos da Alta ou nos estudantes e levá-los para o Bairro de Celas) fizeram aquilo que lhes era possível — as festas.

Como já se referiu, embora os habitantes do Bairro de Celas estivessem relativamente perto do seu local de origem, não mantiveram na sua maioria laços constantes e frequentes com as pessoas que lá ficaram. No entanto, como eram todas provenientes do mesmo local e como defende Pahl (1971), foi possível manter, pelo menos durante alguns anos, vestígios da sua cultura anterior no novo local em que foram viver. Não fizeram apenas as festas como também deram às ruas do bairro o nome das da Alta e até levaram para lá uma estátua (Santo Eloi) que anteriormente estava na Alta. Estes elementos podem ser considerados símbolos da Alta no Bairro de Celas, isto é, sobrevivências do local de origem, que estas pessoas procuraram manter e até mesmo perpetuar.

Eram pessoas extremamente bairristas, que tinham em comum um forte sentimento relativamente ao seu meio de origem, sentindo uma imensa saudade pelas perspectivas que tiveram de abandonar. A procura de uma identidade colectiva que os diferenciasses simultaneamente dos outros salatinas, levou-os a orientar os seus comportamentos em busca de uma identidade positiva, o que fez do Bairro

de Celas o maior herdeiro das tradições salatinas até hoje.

Transformações recentes no Bairro de Celas

Enquanto o Bairro de Celas no passado se encontrava isolado nos arrabaldes de Coimbra, hoje encontra-se em plena cidade, o que originou novamente mudanças no modo de vida dos seus moradores. No Bairro de Celas, continua a não existir locais de comércio. Porém, há já lojas muito próximas (nas urbanizações circundantes) e por outro lado, há mais facilidade de deslocação.

Quanto às práticas religiosas, as igrejas mais utilizadas continuam a ser as mais próximas do bairro. Relativamente à mudança do modo de vida das pessoas, tanto os mais idosos quanto os jovens, saem mais do bairro, algo relacionado com o crescimento da cidade — o bairro deixou de ser isolado, os caminhos foram melhorados, passou a haver um bom serviço de transportes públicos, o que fez com que os idosos que ainda estão em condições de se deslocar saiam mais vezes do bairro e que os jovens façam uma vida sobretudo fora dele.

De referir o facto de alguns entrevistados terem dito que há moradores do bairro que têm vergonha de ali morar. De facto, se há pessoas, sobretudo jovens, com vergonha de aí viverem, é natural que tenham modificado o seu modo de vida e passem muito tempo fora do bairro.

Aliás, é preciso não esquecer que hoje, existe uma relativa homogeneização dos hábitos dos indivíduos devido à expansão dos meios de comunicação. Através deles, os jovens, mais do que os idosos, sofrem influências no seu modo de vida, ocupando os seus tempos livres da mesma forma que os outros jovens da cidade. Naturalmente, ao passarem muito do seu tempo fora do bairro (a trabalhar ou a estudar) contactam com jovens de diversas condições sociais, procurando não se distinguir muito destes, até porque isso poderia conduzir a que fossem segregados socialmente.

Esse receio por parte de alguns jovens de serem segregados pelos outros, está na origem da vergonha que sentem de viver no Bairro de Celas, procurando encontrar-se com os amigos de fora do bairro noutros locais que não ali. Apesar dos jovens dizerem que há pessoas com vergonha de ali viverem, nunca disseram que também eles sentiam isso, encarando, no entanto, relativamente bem uma possível saída do bairro (alguns até preferindo essa solução). Neste contexto, é de suma importância a observação de um jovem que compara o Bairro de Celas a um bairro de lata.

Quanto às relações de sociabilidade, diminuiu o espírito de entreajuda e união existente no bairro — antigamente havia uma ligação mais profunda entre as pessoas, enquanto hoje em dia se tende cada vez mais para a separação, o que não quer dizer que numa situação de aflição, as pessoas não se unam para ajudar.

Segundo os entrevistados, as pessoas tornaram-se mais independentes umas das outras (por um lado já têm televisão, o que faz com que estejam muito tempo em casa e, por outro lado, diminuíram as dificuldades económicas que existiam), passaram a estar dentro da cidade (os jovens fazem a sua vida fora do bairro), há muita gente que vive no bairro que nada tem a ver com ele (novos habitantes), e algumas pessoas mudaram o seu modo de estar no bairro por terem melhorado a sua vida do ponto de vista económico.

Como se pode constatar, a maioria das mudanças nas relações entre as pessoas do Bairro de Celas relacionam-se com o crescimento da cidade. Apesar do Bairro de Celas nunca se ter situado numa área rural, evidenciava, porém, algumas características desta devido ao seu tamanho e isolamento. Desta forma, tal como em áreas rurais, predominavam profundos laços de vizinhança, homogeneidade cultural e identidade de interesses. Era o predomínio, no fundo, da solidariedade mecânica, já que havia uma permanência constante de contactos entre a população e uma forte consciência colectiva. Para isso contribuiu igualmente o facto de terem sido todos alvo de um processo de realojamento em idênticas condições, indo viver para um bairro social segregado espacialmente, o que contribuiu grandemente para o crescimento da solidariedade entre eles e para o surgimento de um espírito de comunidade.

No entanto, com o crescimento da cidade, e como se constatou pelo testemunho dos entrevistados, tudo isso enfraqueceu. Enquanto no passado a população era essencialmente homogênea (tinham um passado comum e a mesma situação económica), actualmente nota-se mais a heterogeneidade (chegam pessoas novas ao bairro para quem a tradição da Alta nada significa, os jovens pouco sabem da Alta e não se interessam por isso, as condições económicas das pessoas variam de caso para caso,...), fazendo com que as relações de solidariedade e entreajuda diminuíssem imenso, embora ainda existam alguns resquícios.

Cada vez se caminha mais para a independência e individualidade — os indivíduos já pouco pensam em bloco mas cada um por si. Tudo isto se torna ainda mais claro quando se constata que já não há interconhecimento. Os entrevistados são unânimes quanto a isso — há gente no bairro que não conhecem (os novos moradores).

Os recém-chegados afirmam igualmente que se dão apenas com os vizinhos mais próximos, os outros não conhecem. Se foi possível notar pelas entrevistas dos moradores mais antigos do bairro, uma

certa exclusão relativamente aos mais recentes, tornou-se igualmente notório que também estes se auto-excluem da vida comunitária, visto que ao serem abordadas certas questões que incluem todos os moradores do bairro eles apenas se referem aos moradores mais antigos como se eles próprios não fizessem parte desse todo.

Quanto aos conflitos, embora muitos entrevistados tenham afirmado que diminuíram, continuam a estar presentes, embora não muito exteriorizados (ficam mais ao nível dos comentários). É que apesar de toda a evolução urbana que colocou o Bairro de Celas no interior da cidade, ele continua a ser na sua essência um bairro, o que faz com que muitos dos conflitos do passado (consequência da proximidade espacial como os conflitos de vizinhança) ainda se mantenham.

Por outro lado, surgiu um novo tipo de conflitos que se relaciona com os recém-chegados. É um conflito que não se materializa em discussões ou brigas mas em comentários, culpabilizando os novos moradores de quase tudo de mau que acontece no bairro.

Na verdade, o facto do Bairro de Celas ser um bairro camarário, faz com que os seus habitantes estejam sujeitos a determinadas deliberações da Câmara que lhes são adversas, como a colocação de novos moradores no bairro, o que gera insatisfação e um certo estado conflituoso relativamente aos recém-chegados. No entanto, de referir que a animosidade dos moradores do bairro gerada por estas decisões, vira-se mais para a Câmara do que propriamente para os novos habitantes.

Por outro lado, cada vez existe mais heterogeneidade no bairro e isso não é só devido aos novos habitantes mas também devido ao facto de alguns moradores do bairro terem melhorado a sua condição económica. Isto gera diferenças nos modos de vida, algo mal tolerado, segundo Gonçalves (1990) e gera mesmo uma perda da consciência colectiva (já não há partilha dos mesmos interesses), pois a construção de identidade encontra-se intimamente relacionada com a posição ocupada na estrutura social.

Por causa dos que “sobem na vida”, as pessoas entram em contradição nas suas afirmações — por um lado, criticam as pessoas que moram no bairro e têm condições para viver noutros locais mas por outro, não querem que a Câmara ali realoje novos moradores que necessitam de casa.

Uma identidade em declínio

Se no passado, a maioria das pessoas se sentiam pertencentes à Alta, hoje isso já não se passa, sentindo-se mais ligados ao Bairro de Celas, sendo os jovens os únicos que encaram melhor uma possível saída do bairro. Há, pois, uma forte ligação sentimental ao Bairro de Celas e não tanto à Alta. Hoje já não se realizam as até então tradicionais fogueiras de S. João do Bairro de Celas. E quanto ao Domingo de Lázarus que hoje se realiza novamente na Alta, poucos o vão ver.

Actualmente, pode-se afirmar que os únicos vestígios da cultura salatina no Bairro de Celas são os nomes das ruas (embora raras sejam as placas com essa indicação) e a estátua do Santo Eloi no centro do bairro.

Parece, pois, que a população do bairro, outrora enraizadamente bairrista e ligada à Alta, não conseguiu transmitir esses sentimentos à geração sucedente.

No passado, estes salatinas sentiam a sua cultura ameaçada, o que contribuiu grandemente para o aumento da coesão social e desenvolvimento de uma consciência colectiva (para a qual também contribuíram a proximidade espacial e a sua privação económica comum) sobretudo como uma forma de resistência.

Contudo, hoje em dia, com o fim do isolamento, as pessoas passam menos tempo juntas, quando chegam a casa isolam-se a ver televisão ou a fazer qualquer outra coisa. Ao fecharem a porta de casa, isolam-se do mundo exterior. Mas, antigamente, o lar não era a casa mas o bairro em si.

Por outro lado, não foram capazes de constituir uma memória social, de inscrever nas memórias individuais dos mais novos uma certa tradição que contribuía para a identidade da colectividade. Porém, como defende M. C. Groshens (in Tap, 1986), é a memória colectiva que reforça a identidade do grupo e ao terem esquecido certas tradições durante algum tempo, conduziram à sua perda irremediável.

As festas acabaram numa altura em que os actuais jovens do Bairro de Celas eram crianças, a altura certa para assimilar essa tradição que hoje, pouco lhes diz. Quanto aos mais idosos, actualmente preocupam-se imenso com o continuar das festas numa última tentativa de assegurar a perpetuação da sua história.

Relativamente ao fim das festas, talvez nenhuma das razões apontadas pelos entrevistados seja verosímil ao ser considerada isoladamente. Houve alguns desentendimentos entre as pessoas aquando a realização das festas no referente à parte financeira e, por outro lado, hoje o bairro está rodeado de habitações e hospitais, o que torna difícil a realização das mesmas (teriam de acabar à meia noite). No entanto, quando as festas ainda se realizavam, já existiam alguns hospitais próximos do bairro (alguns blocos do Hospital de Celas).

Muitos jovens gostariam que as festas se continuassem a realizar mas não se sentem capazes de tomar a iniciativa, até porque é algo que envolve muito dinheiro e responsabilidade e alguns confessam

mesmo que preferem ir às discotecas.

Quanto aos recém-chegados, os que foram entrevistados afirmam que gostariam que as festas se realizassem, ajudando no que pudessem, visto ser uma tradição antiga e ser uma forma de convívio e distração que daria alegria ao bairro.

No entanto, relativamente ao conhecimento da tradição do Bairro de Celas, poucos conhecem a sua história ou conhecem-na apenas vagamente e pelo que ouviram contar já depois de terem ido viver para lá.

De destacar que, actualmente, têm-se realizado outro tipo de “festas” no Bairro de Celas (no seu clube) — concertos de música género *heavy-metal* e *moderna portuguesa* cujos grupos actuates têm nomes como “Gato morto”, “Katacumba” e “Fetos Enlatados”. Tais concertos originam muita polémica no bairro pois a maioria da população não está a seu favor. Embora seja um tipo de divertimento mais direccionado para a juventude, foi possível ouvir alguns jovens descontentes.

O Futuro do Bairro de Celas

Ainda hoje, os velhos salatinas, apesar de terem criado raízes no Bairro de Celas, gostariam de voltar para a Velha Alta. Mas, como não é possível reconstituir a velha Alta, já se ligaram afectivamente ao Bairro de Celas e dali não querem sair.

Mas hoje o bairro está rodeado de casas (bastante valorizadas) e por modernas unidades hospitalares. Aliás, é ainda a zona escolhida para a implantação do Pólo III da Universidade. O terreno em que o bairro está construído é, assim, cada vez mais valorizado.

Com toda esta evolução, não será possível que estes velhos salatinas sejam recolocados agora numa dessas construções modernas e mais impessoais num ponto periférico da cidade?

De facto, tudo aponta nessa direcção. Os mais velhos, maioritários no bairro, não tardam a desaparecer, muitos dos seus descendentes já não vivem no bairro e os que ainda ali vivem e têm direito às casas, muitos deles afirmaram que não se importariam de ir viver para outro local, até porque as modestas casas do Bairro de Celas não têm o conforto aliciante das modernas. Quanto aos recém-chegados, os seus contratos são feitos no máximo por um ano, e a qualquer momento podem ser mudados para outro sítio.

Será mesmo esse o destino deste histórico bairro de Coimbra? Onde será “depositado” desta vez a estátua do Santo Eloi, última marca da cultura salatina existente no Bairro de Celas?

Se não for esse o seu destino, provavelmente passará a ser um bairro onde predominará a heterogeneidade visto que os habitantes ligados à Alta, assim como os seus descendentes, tendem a desaparecer, chegando cada vez mais novos moradores provenientes de diversos locais.

Seja qual for o seu destino, uma coisa é certa, os últimos vestígios da velha Alta desaparecerão para sempre.

Conclusão

Com o realojamento de parte da população da velha Alta no Bairro de Celas, no passado um local periférico da cidade de Coimbra, o modo de vida destas pessoas sofreu modificações a vários níveis.

Contudo, as mudanças na vida da população do Bairro de Celas não ficaram por aqui. Com o crescimento da cidade, passou a ser um bairro citadino que, ao invés do passado, se encontra bem situado no espaço urbano, numa das zonas de Coimbra que mais se desenvolveu nos últimos anos, não só residencialmente, como também ao nível comercial, hospitalar e mesmo universitário.

Hoje, o bairro ocupa um terreno estrondosamente valioso, chegando mesmo a destoar de tudo que o circunda. Será que estes salatinas vão sofrer uma terceira modificação na sua vida?

O estudo deste bairro e de outros em idênticas condições é de grande relevância para que as pessoas compreendam as implicações a praticamente todos os níveis que um realojamento deste tipo pode acarretar na vida das pessoas. Seria pertinente fazer um estudo idêntico nos outros bairros em que foram realojados os habitantes da Alta destruída, algo que poderia ajudar a compreender o porquê do Bairro de Celas ter sido o maior herdeiro da cultura salatina.

Referências Bibliográficas

- .Bozon, Michel, *Vie Quotidienne et Rapports Sociaux dans une petite ville de province*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1984;
- .Burguess, E., “The growth of the city”, in Park, E. Burgess e R. Mackenzie (orgs.), *The city*, Chicago, Chicago University Press, 1925;
- .Gonçalves, António C., “Os Bairros Urbanos como lugares de prática social”, in *A Sociologia e a Sociedade*

Portuguesa na viragem do século — Actas do I Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1990;

.Lefebvre, Henri, Du Rural à l'Urbain, Paris, Éditions Anthropos, 1970;

.Mead, G., Espiritu, Persona e Sociedad, barcelona-B. Aires, Paidos, 1982;

.Merton, Robert, “Contribuições á Teoria do Grupo de Referência”, in Sociologia - Teoria e Estrutura, S. Paulo, Mestre Jou, 1970;

.Pahl, R., Patterns of Urban Life, London, Longman, 1971;

.Pinto, José Madureira, “Considerações sobre a Produção Social da Identidade”, in Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 32, Coimbra, CES, 1991;

.Tap, Pierre, Identités Collectives et Changements Sociaux, Toulouse, Éditions Privat, 1986;

.Toennies, F., “Determinação geral dos conceitos principais”, in Fernandes, F., Comunidade e Sociedade, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1973;

.Wirth, L., “O urbanismo como modo de vida”, in Velho, Octávio (org.), O Fenómeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar, 1976;